

Histórias da educação da infância em Esperantina/PI nos tempos da palmatória (1930-1960)

*Roberto Kennedy Gomes Franco*¹

Resumo: No artigo, socializamos alguns dos resultados de nossa investigação interdisciplinar em história da educação da infância rural na cidade de Esperantina/Piauí nos tempos da palmatória, entre os anos de 1930-60. Entrelaçando procedimentos interpretativos, investigamos a infância como lugar de cultura, história e memória das múltiplas e contraditórias dimensões do viver. Retrospectivamente, no Brasil, o processo de instalação das escolas públicas primárias é iniciado na 1ª República. No Piauí, efetua-se tardiamente, manifestação do populismo educacional de Vargas, pós-1930. Objetivava-se democratizar e/ou universalizar para a infância o ensino público primário, com professoras normalistas formadas e prédio escolar próprio, em substituição aos mestres-escolas e suas palmatórias.

Palavras-chave: Infância; História; Educação.

Abstract: In the article, we socialize some of the results of our interdisciplinary investigation into the history of rural childhood education in the city of Esperantina / Piauí in the age of paddling, between the years 1930-60. Intertwining interpretative procedures, we investigated childhood as a place of culture, history and memory of multiple and contradictory dimensions of living. In retrospect, in Brazil, the installation process of the primary public schools starts in the 1st Republic. In Piauí, is effected late, Vargas manifestation of the educational populism, post- 1930. It is aimed to democratize and / or universal for childhood primary public education, with trained teachers and normalistas own school building, replacing the schoolmasters and their paddles.

Keywords: Childhood; History; Education.

STORIES OF PIAUIENSE RURAL CHILDHOOD EDUCATION IN TIMES OF PADDLING (1930-1960)

¹ Pós-doutor em História da Educação pela Universidade de Lisboa/Portugal. Doutor em Educação Brasileira (UFC). Mestre em Ciências da Educação (UFPI). Graduado em História (UFC). Professor da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB. Ex-Professor do curso de História da Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Coordenador do Grupo Interdisciplinar Marxista-GIM/UNILAB; Membro do GEPI (Grupo de Estudos com os Povos Indígenas). Temas de interesse: História Indígena. Memória, Trabalho e Luta de Classes. História da Educação. Corpo, Saúde e Doenças. Crítica da Economia Política. E-mail: robertokennedy@unilab.edu.br

Introdução

Naqueles tempos da palmatória o mestre fazia a roda de meninos para ver se eles tavam aprendendo viu, aí ele perguntava a tabuada, dizia: $2 \times 1 = 2$, $2 \times 3 = 6$, $2 \times 8 = 16$, noves fora, aquele que não soubesse ia para a palmatória. Nós dava a palmatória e se dessem devagarzinho, o mestre ia e dava em nós. O argumento era assuletrando o nome, assuletando com as letras, com a turma e perguntando aos alunos se eles estavam prestando atenção e o que não acertasse ia para a palmatória. O argumento era para nós aprender ora! E tinha resultado mesmo! Quem queria apanhar? Ninguém queria!

(Francisca Evangelista Torres-Dona Santa, 2002).

Socializamos no texto, alguns dos resultados de nossa investigação interdisciplinar em história da educação da infância rural na cidade de Esperantina/Piauí², entre os anos de 1930-60³. A educação dos tempos da palmatória, rememorada na epígrafe acima, era desenvolvida pelos mestres-escolas que apesar de simbolizarem um “atraso” histórico-educativo a ser superado pelas inovações do ensino público primário ministrado pelas professoras normalista na região, precisa ser contextualizada à dinâmica histórico-educativa da época.

Sobre estes mestres, Pereira, 1996, p. 21, 29, nos relata que:

[...] Mestre, especialmente naquele tempo, era além de muito difícil, necessário como pau de porteira, que quebrando-se um, trata-se de arranjar imediatamente outro. [...] naquele tempo, um mestre era um verdadeiro achado e quem tivesse a sorte de ter um à mão, nunca ousava desgosta-lo, nem que fosse por força de um motivo forte. Ao mestre dava-se **carta branca** e, contrariá-lo com a supressão de tais prerrogativas, seria uma temeridade.

² Esperantina, situada à 180 km ao norte da capital Teresina, tem suas raízes nas fazendas de Gado do Rio Longá no Piauí. Habitada antes pelos nativos Alongares, virou sítio, povoado, e, em 1920, Vila do Retiro da Boa Esperança (Piauí. Decreto Lei Estadual Nº 970), em 1939, resultante de próspero florescimento tornou-se Cidade (Piauí. Decreto-Lei Nº 147, 1938). Historicamente é marcada pela pecuária extensiva (criação de gado em gigantescas áreas férteis de terra e de água); pelo extrativismo vegetal (babaçu, tucum, cera de carnaúba e seus derivados, produtos amplamente comercializados); e ainda por agricultura de subsistência (cultivo de arroz, feijão e milho). No contexto do pós-30 do século XX, a cidade de Esperantina, desfrutando posição socioeconômica destacada no Vale do Longá (microrregião do Meio-Norte), integrou as ações estaduais/nacionais direcionadas ao processo de instalação das escolas públicas primárias rurais para a infância. Retrospectivamente, o processo de instalação das escolas públicas primárias é iniciado nas regiões mais desenvolvidas do Brasil na 1ª República, em 1889. Entretanto, este processo na realidade piauiense, efetua-se tardiamente, enquanto manifestação do populismo educacional da era Vargas no pós-1930. O objetivando era democratizar e/ou universalizar para a infância o ensino público primário, com professoras normalistas formadas e prédio escolar próprio, em substituição aos mestres-escolas e suas palmatórias.

³FRANCO, Roberto Kennedy Gomes Franco. **Raízes & Memórias: o florescimento histórico-educativo em Esperantina (1930-1960)**. Teresina: UFPI, 2004. (DISSERTAÇÃO DE MESTRADO).

Como vemos na citação acima, a dinâmica educativa, até o início da década de 1930, principalmente nas regiões distantes dos povoados, fazendas e sítios do Nordeste brasileiro, era incipiente, tendo como alternativa para a ausência de uma política pública direcionada ao serviço educativo a figura do mestre-escola, que também era peça rara, disputados pelas famílias para assumirem a responsabilidade pela educação de seus filhos e netos.

Com salas de aula nas varandas das “casas grandes”, estes mestres-escola iam, “disarnando” a garotada da forma como fosse possível. Eram métodos “violentos” e “autoritários” com puxadas de orelhas, palmatórias de fazer “suor de bexiga, escorrer pelo mocotó”, ficar de joelhos em cima de milho, de pés descalços na areia quente do sol, entre outros, típicos da chamada “pedagogia do terror” (PEREIRA, 1996).

Rememorando o mestre-escola de sua infância, Pereira, 1996, p. 24, 25, diz ainda que:

[...] Ao pisar na escola mais parecia uma jararaca jogando bote, do que um mestre de letras, com a palmatória na roda do argumento [...] se o sujeito era mesmo **tapado**, sendo incapaz de **resolver direito** a lição de leitura e a escrita, Mestre Belarmino⁴ punha-o de quatro-pés no meio da sala, a fim de ser cavalgado por um discípulo **mais aberto**, que o **esporeava** com os calcanhares nos vazios, mostrando aos outros a quem passava, que o pobre coitado era mesmo burro.

De forma complementar, uma de nossas entrevistadas, professora Santa, na época aluna dos mestres-escola, assim comenta seus tempos de infância escolar:

Nossos pais de juntavam e contratava um mestre-escola, havia um rodízio, um tempo o mestre-escola ficava com, de 4 meses mais ou menos, outro tempo o mestre ia para a fazenda vizinha. Naquele tempo, tinha de dar de comer para o professor, pagava aqueles 4 meses que ele estava na casa do meu pai, meu pai quem pagava, quando estava na casa do Seu Tunico, o seu Tunico era quem pagava. Era o professor que tinha naquele tempo, naquela mata, e eu agradeço muito as primeiras letras que eu aprendi, foi dele mesmo, o seu Laurentino, que era viúvo na época. Eu não sei de onde mesmo ele vinha, acho que do interior mesmo, ele não sabia outra coisa a não ser Ler, Escrever e Contar, quando eu vim de lá do interior, que vim para Esperantina, fui para a 3ª série, eu já sabia da matemática, da tabuada toda, foi ele que me ensinou, e nunca peguei bolo, eu era inteligente, dava mais não pegava, agora eu não sabia dar bolo não, eu tinha pena, as vezes eu ganhava 15, quando eu vim pra cá, eu já sabia Ler, Escrever, agora eu não

⁴ “Mestre Belarmino Bola-de-Ouro, professor que desfrutava o privilégio de ser um grande **disarnador de minino**, destacando-se e sendo preferido, mais pela fama de ser um mestre carrasco, do que pela sapiência, propriamente dita.”. In: PEREIRA, Antônio Sampaio. **Velhas escolas: grandes mestres**. Teresina: COMEPI, 1996, p. 16).

sei mais de nada não, devido à idade, também a preocupação, esse negócio de família, dificuldade da gente mesmo, hoje estou aposentada.⁵

Destacamos ainda, a fala da Professora Maria do Patrocínio Fortes, professora Patrocínio sobre seu mestre-escola de infância,

Naquele tempo não tinha escola pública, era escola particular e meu pai era quem pagava os professores. Eu estudava com o professor Laurentino, durante 4 meses ele ensinava no Bananal de Baixo, depois ia para o Bananal de Cima onde ele dava aula 4 meses. Isso faz tempo, em 1945 eu tinha uns 7 anos. Estudei com seu Laurentino que ensinou lá até a 2ª série, ele dava aula na base da palmatória, era chamado mestre de escola, ele ensinava, mais era só a ler, escrever e contar, ele não sabia dar outras explicações, mas era bom. O material que ele ensinava era somente o livrinho, o caderno e aquelas folhas pra tirar contas, aquelas folhas de papel, aí ele passava aquele horrô de continhas. O livro era os pais que compravam.⁶

Sobre a chegada da escola pública primária em Esperantina, com a substituição do mestres-escola e suas palmatórias, Pereira, 1996, p. 52, 55, diz o seguinte:

[...] O aparecimento da escola pública e das primeiras professoras assalariadas do governo, onde castigo é proibitivo, foi como um espantinho para os mestres-de-varanda, [...] fiquei tão alegre por sair das unhas de Mestre Félix, que dava bolo zebu e metia a quina da palmatória na cabeça da gente, para, por um aborto da sorte, ir esbarrar nas mãos de uma professora que trazia recomendação expressa para não bater em filho alheio, e que, além das explicações que dava, sobre uma porção de coisas que os velhos mestres não sabiam, ainda nos ensinava um bocado de cantigas, no começo e no fim de cada aula. Só muito depois é que fui compreender que aquelas cantigas eram hinos patrióticos.

Como vemos, o papel das professoras que substituíram os mestres-escola e suas palmatórias foi o de verdadeiras desbravadoras, “colonizadoras”, da cultura letrada e cristã, ensinando a norma culta da língua, mas não apenas, também dando lições e noções básicas de higiene, economia, cultivo e criação de animais, ensinando o catecismo e enfim “civilizando” aos alunos.

Estes acontecimentos circunscrevem-se no Piauí do pós-1930, onde o número de matrículas ofertadas pela escola pública primária, através da construção dos Grupos Escolares e das escolas isoladas com professoras normalistas do governo têm um crescimento significativo na vida das vilas e cidades piauienses. O objetivado em nossa interpretação, era

⁵ Francisca Evangelista Torres (Dona Santa). Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco. 08/2003.

⁶ Maria do Patrocínio FORTES. Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco, 10/2002.

materializar, o ideal de modernidade, urbanidade e civilidade, germinando uma nova pedagogia para a infância.

Para Monarcha (2003) nesse longo período de consolidação do regime republicano em nosso país, conferiu-se uma maior visibilidade e centralidade à infância, colocando-se em primeiro plano a problemática relativa ao cultivo das gerações mais novas e objetivando sua inserção na esfera pública, isto é, no mundo dos adultos.

A este respeito Costa Filho (1996, p. 52, 55), argumenta que:

[...] O conhecimento de aspectos sobre o viver da criança ajuda a entender o tipo de educação pretendida pelos pais para os filhos e a importância dada ao ensino formal, o que facilita a compreensão sobre o desenvolvimento do sistema de ensino no Piauí. [...]

Finalmente, em nossas análises, apontamos que, no pós-30 do século XX, o objetivado para a infância piauiense era a adaptação corporal da juventude ao mundo do trabalho mediante a aquisição da Norma Culta da Língua.

A Popularização tardia do ensino público primário no Piauí

A história da educação rural primária esperantinense insere-se no cenário de instituição do Ensino Público Primário no Estado do Piauí e do Brasil, ou seja, no chamado populismo educacional da Era Vargas. Como já apontamos anteriormente, nosso recorte histórico situa-se nos anos de 1930, a partir do qual como decorrência das profundas transformações histórico-sociais o Brasil muda, a economia, antes essencialmente agrícola passa a ser agroindustrial, resultante entre outros elementos da profunda recessão que assolou o mundo, assim como a instalação da Era Vargas (1930-1945). Era o nascimento do Estado Novo (1937-1945), que simultaneamente correspondia ao fim da República Velha.

Com sua política populista Getúlio Vargas amplia direitos sociais básicos, como a Consolidação das Leis Trabalhistas, expansão do direito do voto, entre outras medidas “democráticas”.

Voltando ao campo educacional, a política populista tanto no Estado Novo (1937-1945) como na Segunda República (1945-1964), buscou expandir de fato o então ideal de democratização do ensino primário iniciado pelo movimento republicano de 1889. Este processo põe em prática a possibilidade do acesso ao ensino primário para as camadas populares das mais diversas regiões do Brasil. Era a popularização tardia do ensino primário.

Neste contexto, a oferta do serviço de ensino público, se olhada de forma retrospectiva ao longo do desenrolar histórico brasileiro, piauiense e esperantinense foi fruto de um desfecho de investimentos, reivindicações e ações públicas que buscavam introduzir junto à população uma educação, uma cultura letrada coadunada à nova ordem econômica social e política do pós-1930.

No Estado do Piauí, com Leônidas de Castro Melo como Interventor, uma nova política educacional é desenvolvida na teia de relações socioculturais. O florescimento de escolas públicas primárias no cenário piauiense dilui-se à circulação das ideias políticas pedagógicas em voga, onde embaladas pelo escolanovismo, a profissão docente teoricamente sofre uma cisão interna em seu estruturar-se, adquirindo uma outra roupagem, adaptando-se à nova ordem econômica nacional e mundial.

As falas governamentais do Piauí por esta época também sinalizavam suas preocupações com o ensino, especialmente em relação aos mestres-escola e a necessária modernização dos métodos de ensino. Em 1929, fazendo um balanço dos seus quatro anos de governo, o então governador Mathias Olímpio de Mello, ao refletir sobre a situação geral da instrução popular no Piauí; afirmava que,

Não se explicava, certamente, que permanecêssemos, como até 1924, com uma matrícula primária, em todo o Estado, de, mais ou menos, quatro mil crianças – percentagem diminuta sobre o total da população infantil em educação escolar, - apenas pela deficiência material dos meios, resumida, essencialmente, na imperfeição de docência primária.⁷

Este balanço de Mathias Olímpio, situava-se sobre a carência da educação primária em todo o Estado, que até então, contava com uma estrutura precária, caracterizada nas falas do próprio governador, a falta de uma melhor organização e investimento no sistema institucional de ensino no Piauí. Talvez este elemento tenha relação com o refluxo econômico e com a necessidade de alternativas pelo qual passava o país e o mundo naqueles anos. O Piauí neste momento também foi afetado pela asfixiante crise mundial e era necessário construir saídas.

A preocupação com estradas e escolas tornam-se corriqueiras e o Ensino Primário Rural apareceu também como uma preocupação central, principalmente no referente a educação da infância rural, cuja expressão maior de ensino eram os mestres-escolas.

⁷ Mensagem Governamental apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí, em 1929, pelo Governador, Exmo. Sr. Mathias Olímpio de Mello.

Com um ensino primário rural institucionalizado pelo Estado, regidos por conteúdos direcionados às necessidades produtivas, pensava-se que talvez se observassem mudanças na situação geral do ensino e, até mesmo o controle das matrículas aumentariam. A isso provavelmente referia-se o então governador Mathias Olimpio de Mello (1924-1928) em Mensagem Governamental de 1929,

O objetivo, alto e patriótico, da educação primária é outro: procura preparar futuros cidadãos, capazes de, por suas letras, entrar, com vantagem, nas lutas pela vida. Não é, nem será nunca, essa brevíssima noção elementar das coisas, dada, por assim dizer, num curso de velocidade vertiginosa, que capacitará alguém a competir e vencer, no struggle-for-life diário.(p.39)⁸

Este cenário incipiente em relação à demanda populacional em fase de escolarização no Piauí também é relatado pelo Governador do Estado em 1930, o Dr. João de Deus Pires Leal (1928-1930), em Mensagem Governamental, ao comentar que: “a instrução pública primária é actualmente ministrada no Estado em 20 grupos escolares, incluída nesse número a escola Modelo da capital”⁹. Envergadura tímida em relação as reais necessidades do Estado, o que desvela a carência e a acentuada preocupação com a expansão da oferta de ensino público primário por todo o Piauí.

De acordo com Lopes (2002) o primeiro Grupo Escolar do Piauí foi criado em 1922, na cidade de Parnaíba, chamado Grupo Escolar “Mirando Osório”. Em Teresina o modelo de Grupo Escolar foi implantado em 1926 com o surgimento do Grupo Escolar “Demostens Avelino”.

No Piauí do pós-1930, podemos observar nas estatísticas oficiais, segundo as Mensagens Governamentais do Estado, um crescimento acentuado no número de matrículas. Em 1930 teriam sido 7.397 alunos; em 1933, 15.000; em 1937, 32.383; e em 1940, 39.882. Esta informação nos faz perceber um acréscimo no número de crianças matrículas nas diversas unidades escolares, o corpo docente também aumentou, passou de 499 em 1936 para 817 em 1940.

Os relatos de época dão conta ainda do crescimento do número de unidades escolares, em 1933, quando ocorreu à visita de Getúlio Vargas a Teresina, foi inaugurado o Grupo Escolar Domingos Jorge Velho. No interior, neste mesmo período, o governo (estadual e/ou municipal) empenhou-se seriamente na construção de Grupos Escolares nas cidades de

⁸ Mensagem Governamental apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí, em 1929, pelo Governador, Exmo Sr. Mathias Olimpio de Mello.

⁹ Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do estado do Piauí, a 1ª de junho de 1930, pelo Governador, Exmo Sr. Dr. João de Deus Pires Leal.

Amarante, Barras, Floriano, Piracuruca, Pedro II, José de Freitas, Buriti dos Lopes, Valença, Porto Alegre, São Pedro, União, Buriti dos Lopes, Parnaíba, Bom Jesus, Belém, Canto do Buriti, Luiz Correia, Gilbués, Socorro, Corrente, Regeneração, Aparecida, **Boa Esperança (Esperantina)**, Jerumenha e Santa Filomena, em 1935 eram 310, já em 1940 são 535.

Brito (1996) recorda-se que o governo do Piauí se empenhou seriamente, no período de 1933 a 1937, na expansão da rede escolar primária, construindo novos e modernos prédios escolares em todo o Estado e ampliando consideravelmente as matrículas que no período alcançaram um crescimento de 215%, segundo estatísticas oficiais. Este fato colocou o ensino primário no Piauí em destaque, tendo o Estado alcançado o 1º lugar no contexto nacional o que lhe valeu receber como prêmio uma bandeira do Brasil oferecida pelo Presidente da República e que integra o acervo do Museu Histórico.

Fica evidente que a ideia de progresso se impregnava aos discursos generalizadamente, as ações governamentais trabalhavam com o projeto de modernidade dos espaços (públicos e privados) e costumes socioculturais nas vilas e cidades do Estado do Piauí, que neste instante, passam a ser beneficiadas pelas tendências à urbanização, e ao desenvolvimento comercial. O ensino primário, propalado amplamente, como veículo de ascensão social, passa a ter um papel essencial.

Em Esperantina, um destes prédios escolares seria a Escola Agrupada David Caldas, inaugurada em 1939, e que seria um núcleo multiplicador de professores e da instrução pública primária no município de Esperantina.

A Emergência do grupo escolar David Caldas em Esperantina e a chegada da primeira professora normalista

No Piauí, durante o advento do Estado Novo, o Grupo Escolar tornou-se centro de “integração social” da criança, com a função de oferecer uma educação básica coadunada à moderna rede de relações educacionais dos “Parâmetros” da “Norma Culta da Língua”. Era a ilusão liberal estendendo seus tentáculos à emergente sociedade capitalista brasileira. No Estado Novo, a “instrução pública” colabora com a construção de nova ordem social, sendo celebrada como caracterizadora de uma sociedade “moderna” e “progressista”. Personificada pela “cultura civilizada” da ascendente burguesia, a educação pública apresenta “nova” pedagogia para o jeito de ser criança.

Como já destacamos anteriormente, percebemos este fenômeno se manifestar, através de uma ação empreendedora dos governos (Federal, Estadual e Municipal), no qual os

aspectos atrelados ao “progresso” e ao “desenvolvimento”, eram materializados pela modernização dos costumes corporais (higiênicos, educacionais, habitacionais, econômicos, relacionais, etc.), e ainda, a modernização dos espaços, viabilizada pela construção de obras públicas diversas: estradas, pontes, praças, prédios (mercados, escolas, hospitais) e novas cidades como Esperantina.

Durante a feitura da pesquisa, percebemos, através do contato com as fontes (orais e escritas¹⁰), o quanto repercutiu de 1930 em diante, a ênfase dada à estética da infância piauiense, e como os corpos infantis e sua educação passam a ser tidos como um dos novos dispositivos que fecundaria o projeto de modernidade¹¹ e de transmutação sociocultural.

Segundo Castelo Branco (2005, p. 100, 102, 103),

[...] à idéia de modernizar as estruturas sociais do Piauí passarão a incentivar e a divulgar a vivência cotidiana de novas práticas, de transformar as estruturas sociais, assumindo papel importante na mudança da percepção da infância, à medida que passam a desenvolver intensa prática discursiva, escrevendo, criando um saber, uma verdade sobre a infância, que seria legitimada pelo crivo da ciência, da formação superior, e da palavra escrita. [...] O poder público deveria chamar para si à responsabilidade de educar as crianças, buscando com essa política diminuir o poder dos grupos familiares sobre a formação de meninos e meninas, esvaziando práticas cotidianas rurais [...] os corpos aparecem como construção, aptos a movimentarem-se no mundo moderno, disciplinados [...]

Posto isso, analisamos como a estética corporal da infância (re)agiu à emergência da modernidade pedagógica, manifestada simbolicamente, entre outros elementos, com a criação e construção na década de 1930 do Grupo Escolar David Caldas, primeira escola pública a ofertar o ensino primário na cidade de Esperantina/PI.

De acordo com Lopes (2002, p. 71, 72),

[...] a Escola Normal servia para formar professoras modernizadoras da sociedade piauiense. [...] O grupo escolar foi o lugar tomado como natural para a ação dessa docente [...] Escola modernizada e modernizante, o grupo escolar, tornou-se o espaço específico da ação dessas professoras, postas pelo sistema escolar como qualificadas para o exercício da modernidade e renovação das práticas pedagógicas no Piauí [...] o grupo escolar tornou-se o ponto de convergência da ação da normalista e do moderno em educação [...] superando o modelo considerado antiquado da casa-escola [...]

¹⁰ Para a realização da pesquisa tomamos como fontes escritas: 1. Arquivo Público do Piauí (Jornais de Época, Diário Oficial do Estado, Mensagens Governamentais, Leis e Decretos), 2. Livros Didáticos (doados por antigos alunos); e ainda, 3. Dados Estatísticos do I.B.G.E do período.

¹¹ Tomamos como base, a respeito de modernidade e modernização os autores: (BERMAN, 1987); (LE GOFF, 1996); (BENJAMIM, 1994); (BAUDELAIRE, 1996) e (SILVA, 1997).

Neste sentido, merece destaque também a arquitetura escolar do edifício destinado ao funcionamento do Grupo Escolar David Caldas, com traços característicos das décadas de 1930/60 guardadas as devidas proporções, perfila-se no mesmo estilo arquitetônico de muitas outras escolas edificadas por todo o Estado e de grande parte do país; um símbolo, portanto do processo de interiorização e instalação das escolas públicas primárias.

A arquitetura escolar em si, passa a ser condicionadora de normas e regras implícitas e explícitas, conduzindo os corpos dos sujeitos que dela vão “usufruir”, a sistematizar valores, como os de ordem/disciplina/vigilância. A própria localização do edifício escolar é pensada criteriosamente para que pertença há um programa cultural e pedagógico comportado pelo espaço. A construção do Grupo Escolar David Caldas, estrategicamente localizado ao lado esquerdo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Esperança e ao lado direito da sede do Poder Municipal, e ainda, tendo ao meio, como interseção, a Praça Leônidas Melo, fazem do espaço geográfico da escola mais um símbolo sociocultural.

A este respeito, Monarcha (2003, p. 112, 113, 122), afirma que:

[...] Ao construírem um edifício para abrigar uma escola destinada à formação dos novos e à produção e divulgação da alta cultura e à instrução das crianças [...] a arquitetura transformara-se em pedagogia eloqüente que ensina aos indivíduos os princípios da sociedade perfeita [...] uma arquitetura escolar que, reunindo o grandioso e o funcional, promove a construção de uma imagem de criança. [...]

Através de uma ação empreendedora do Estado, a obra pública de criação (1930) e construção (1937-1939), do Grupo Escolar David Caldas, passa a manifestar o interesse político do Estado pela cidade de Esperantina, ao oferecer um “colégio moderno, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento, um instrumento para a educação da infância” (ARIÈS, 1981). Coadunada a esta dinâmica em 1929, chega à Vila da Boa Esperança (Esperantina) a primeira professora formada, a normalista Maria de Jesus Carvalho, que, em 1930, passou a lecionar e dirigir em uma sala de improvisado o recém-criado Grupo Escolar David Caldas e depois no prédio escolar definitivo.

Tiveram passagem nesta escola três das professoras entrevistadas, que lecionaram nas escolas isoladas da zona rural. Uma delas, a professora Pinheira, tendo iniciado sua carreira como merendeira e, nas horas vagas observando professoras como Maria de Jesus Carvalho, viera como se percebe nos relatos a tornar-se também professora. As demais entrevistadas, em seus relatos, claramente revelam uma relação de profundo respeito e

admiração à professora Maria de Jesus que era como as mesmas afirmam, uma grande mulher e uma excelente educadora.

Demonstraram também as mesmas, durante a entrevista, ao verem a fotografia da Escola um profundo sentimento de emoção e saudades da época em que por lá estiveram como alunas, funcionárias e aprendendo pela observação o ofício de educadora.

Este foi o cenário histórico que abriu caminho em Esperantina para a instalação das escolas públicas primárias rurais entre os anos de 1930 à 1960.

Memorial do processo de interiorização das escolas públicas primárias rurais em Esperantina.

A instalação das escolas públicas primárias rurais no município de Esperantina insere-se no cenário de instalação do Ensino Público Primário no Estado do Piauí e do Brasil, um outro elemento a ser considerado neste processo de institucionalização do ensino primário é o papel que o **INEP** (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) passa a ter a partir de 1946 com sua política de expansão e melhoria do ensino rural primário.

Segundo Brito (1996) “este processo teve suas bases elaboradas na gestão de Lourenço Filho, então Diretor e desenvolvido por Murilo Braga, quando, entre os anos de 1946/49, ocorreu a assinatura de convênios destinados à construção de 230 escolas rurais primárias”. Política esta de expansão do ensino rural piauiense.

Maia (1992, p. 28), comenta que:

Em 1941, o governo convoca a 1ª Conferência Nacional de Educação, informado pelos estudos do INEP que demonstravam as precárias condições em que se desenvolvia o ensino de 1º grau. Decidiu-se, finalmente, pela intervenção do governo central através de apoio financeiro aos Estados, medida que só foi concretizada em 1945 com a criação do Fundo Nacional do Ensino Primário. Este momento marca uma inegável ampliação da rede escolar do país. Em relação à área rural, permanecem determinados fatores como concorrentes para a baixa produtividade do ensino expressa nos altos níveis de evasão e repetência, nível de qualificação dos professores – quase todos leigos -, na precariedade das instalações escolares, na falta de material e de equipamento.

Neste momento, Esperantina por desfrutar de uma posição socioeconômica de destaque na região do Vale do Longá, figurando entre os 15 municípios mais importantes do estado do Piauí, foi integrante de ações direcionadas ao processo de escolarização formal de sua população.

Em 1943, o Município fez parte do “Convênio de Ensino Primário”, firmado na Gestão do Governador interventor Leônidas de Castro Melo. O Convênio ratificava a parceria Estado e Municípios, sendo parte de uma política que aos poucos sugeria uma descentralização orçamentária de investimentos em áreas sociais como a educação. Além disso, pontuava a necessidade do estabelecimento de uma quota orçamentária mínima de 15% da receita das municipalidades, com a finalidade de custeio do ensino primário, ensino este que seria gerenciado pelo Estado.

A assinatura deste convênio, coincide, no caso de Esperantina, com a emergência de escolas primárias isoladas rurais, foram ao todo, entre os anos de 1943 a 1959, 25 escolas isoladas rurais, distribuídas entre as mais diversas localidades.

Relação das Escolas Públicas Primárias Urbanas e Rurais criadas em Esperantina entre os anos 30-60 do Séc. XX¹²:

Nº	Nome da Escola	Localidade	Zona	Ano de Criação
1.	David Caldas	Esperantina	Urbana	1930
2.	Gervásio Lages Rebelo	Esperantina	Urbana	1930
3.	Eudes Nogueira de Aguiar	Chapada da Limpeza	Rural	1943
4.	Haidê Rebêlo	Malhada do Meio	Rural	1944
5.	João Batista de Amorim	Mundo Novo	Rural	1946
6.	Francisco Lustosa de Castro	Várzea	Rural	1946
7.	Arão Parente	Jacaré da Vermelha	Rural	1947
8.	José Luiz Pereira	Fortaleza	Rural	1948
9.	Coronel José Fortes	Ingá	Rural	1948
10.	Francisco Simplício do Vale	Lagoa dos Macacos	Rural	1948
11.	Patriotino Lages Rebelo	Tinguís	Rural	1950
12.	Antônio Diniz Chaves	Açudinho	Rural	1951
13.	José Nogueira de Aguiar	Boa Vista dos Nogueira	Rural	1954
14.	Francisco Alves de Carvalho	Vassouras	Rural	1955
15.	Firmino Luiz da Silva	Vereda da Cobra	Rural	1955
16.	José Sales Dias	Bonfim	Rural	1955
17.	São Francisco das Chagas	Morro do Chapéu	Rural	1955
18.	Gonçalo A. de Oliveira	Bangüês	Rural	1955
19.	Nossa Senhora da Conceição	Boa Vista dos Cariocas	Rural	1955
20.	Inspetor R. Petit	Tapuio	Rural	1955
21.	Joaquim José de Meneses	Bananal de Baixo	Rural	1955
22.	João Pinto Leite	Ininga	Rural	1956
23.	Benedito Soriano Lagoa da	Caiçara	Rural	1956
24.	Manoel José Pontes	Vieira	Rural	1956
25.	São Raimundo Nonato	Lagoa Seca	Rural	1956
26.	Belizário A. de Oliveira	Alame	Rural	1957
27.	Francisco José do Rego Castro	Amargosa	Rural	1959

Destacamos que das 27 escolas mencionadas, apenas duas, David Caldas e Gervásio Lages, criadas ainda na década de 1930, são localizadas na zona urbana, todas as 25 demais, criadas a partir da década de 40 são escolas primárias isoladas rurais, situadas nas regiões das

¹² REBÊLO, Emília Maria de Carvalho Gonçalves. **Relações entre urbanização e educação escolar no município de Esperantina, no período de 1960/1980**. Teresina, 1997. (Dissertação de Mestrado).

antigas lojas de Tecidos e Variedades (Secos e Molhados), em geral com correspondência às localidades ativas econômica e politicamente.

A Infância e suas experiências nas escolas públicas primárias rurais em Esperantina/PI

É preciso incorporar à análise histórica a ideia de que para compreender o que a escola realizou em seu passado, não é suficiente estudar ideias, discursos, programas, papéis sociais nela desempenhados, suas práticas e métodos de trabalho; tornou-se necessário também tentar compreender a maneira com que professores e alunos reconstruíram suas experiências, como construíram relações, estratégias, significações por meio das quais constituíram a si próprios como sujeitos históricos. Para isso, é preciso que a história da educação inclua o ponto de vista desses agentes, além de outros, como pais e administradores, e não somente o ponto de vista do discurso emanado das esferas mais altas do poder institucionalizado.

Nesse sentido, as biografias e autobiografias têm o mérito de recuperar, para a história da educação, vestígios desses homens e mulheres e suas obras, tornadas quase invisíveis. [...] A possibilidade de incluir autores menores, que aparentemente não sobreviveram à crítica histórica e à passagem do tempo ou não foram eleitos como fontes prioritárias, significa o reconhecimento de que esses autores podem ter exercido um papel tão importante quanto os que ocuparam os ensaístas sérios de educação. (SOUZA, 2000, p. 52-54).

Nosso interesse pelos relatos orais das professoras das escolas públicas primárias se inspira nesta afirmação acima citada por (SOUZA, 2000), tendo em vista que as histórias de vida profissional, permitiu-nos obter e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas. A este respeito, as lembranças de Maria do Patrocínio Fortes, profesora Patrocínio, relatam que,

[...] Estudei lá no David Caldas, terminei o primário lá, fiz até o 5º ano do primário, porque naquele tempo não tinha o ginásio. Não tinha nada a gente estudava mesmo até o 5º ano aí parava. Quem tinha muita condição ia para Teresina e quem não tinha parava.

Meus professores no David Caldas foram a dona Joaquina Mesquita, dona Genoveva mulher do professor Antônio Sampaio, ela foi minha professora 3 anos, ela ainda é viva ...Quando eu terminei o primário, meu pai tinha muito morador lá no Bananal, ele queria que eu fosse dar aula lá, porque tinha muito menino sem saber nada, e minhas irmãs também. [...] ¹³

Podemos observar a partir da fala, que para Dona Patrocínio, a experiência dos tempos de criança com o processo de escolarização desencadeado pela rede pública de ensino primário, em substituição aos mestres-escola, para os privilegiados que a ela tiveram acesso,

¹³ Maria do Patrocínio Fortes. Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco, 10/2002.

germinou na idade adulta, possibilidades profissionais, ao tempo em se apropriava do saber formal, tornou-se, ela também, professora.

Estes elementos apontados, na sequência do desenrolar histórico, no plano político do sistema de educação em Esperantina vão influenciar o próprio conteúdo escolar, constituindo no planejamento de aula, formas de manipulação na hora do voto, vejamos o que relata a professora Maria Chaves Brito (professora Santa) da localidade Fortaleza,

Lá tinha muito voto, tudo coordenado pelo velho Gervásio, na época da eleição ele chamava todo mundo e dizia pra quem era o voto, ai eles ficavam sabendo pra quem era o voto, porque de primeiro, quando um rico falava com um pobre, ele ficava todo se tremendo, com medo daquele rico, se ele chamasse você, vem trabalhar pra mim, ele vinha mesmo, se não Ave Maria, só faltava castigar o pobre caboclo. A vida antigamente era muito privada as pessoas fazia pena, aqueles caboclo, aqueles pessoal rico botava aquele povo para trabalhar no meio do sol, trabalhavam de roça, derrubando mato, queimando mato, fazendo cerca, ajuntando coivara, era aquela coisa toda, eu tinha tanta pena, os pobre morrendo de trabalhar, mas eu ensinava a eles, crianças e pais, que a gente tinha que aprender alguma coisa, uma arte, aprender a ler porque a gente sabendo ler, a gente compreende as coisa melhor e eles tinham vontade mesmo, tanta que tem muita gente de cima, rico, que eu ensinei. Nas eleições era eu quem ajitava também, junto com eles, incentivando eles, ensinando como era o voto, o valor do voto... Eu ensinava, o voto era para o patrão, o patrão na época era o seu Gervásio, o voto era pra ele, se não fosse pra ele mesmo, mas era para os candidatos dele, e nem por isso eu nunca tive uma boa recompensa dele.¹⁴

Infelizmente, este tipo de depoimento demonstra entre outros objetivos, a função política dada à escola e à tão utópica e contraditória “democratização” do ensino primário e moderno, ensinava-se não apenas o ABC das cartilhas, mas também o ABC do voto e da obediência. O exemplo esperantinense denota o império do coronelismo sem lei no Nordeste brasileiro, onde se destroem as vontades coletivas em prol dos interesses da elite hegemônica.

Guardadas as devidas especificidades a obra clássica Leal (1997, p. 44, 60,65), bem caracterizam esta questão,

Dentro da esfera própria de influência, o “coronel” como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções políticas, de que freqüentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas. [...] A massa humana que tira a subsistência das suas terras vive no mais

¹⁴ Maria Chaves Brito. Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco, 10/2002.

lamentável estado de pobreza, ignorância e abandono. Diante dela, o “coronel” é rico [...] Há ainda os favores pessoais de toda ordem, desde arranjar emprego público até os mínimos obséquios.

A narratividade presente nas fontes orais sobre a história e a memória da educação pública primária rural no Estado, personalizada pela proliferação dos Grupos Escolares, faz perceber o circular de novas maneiras de produção das condições objetivas e subjetivas de exploração entre os seres humanos. Este processo de reprodução do discurso acerca da importância da educação, em parte propalada pelas professoras, em parte pelo poder político governamental, contribuiu para a integração do Piauí na tendência da política nacional modernizadora dos espaços e costumes no pós-1930.

Aglutinando-se a esta reflexão, temos a respeito da importância das escolas públicas primárias na vida das crianças, o seguinte discurso de Lourenço Filho,

[...] Muitos dos alunos das escolas primárias, por certo, não encontrarão mais, por toda a vida, oportunidades de compreender o dever da escola em proporcionar para milhões e milhões de brasileiros os encantos de amar a leitura como instrumento de saber e de aperfeiçoamento individual, como elemento de formação moral e cívica dos deveres do cidadão¹⁵.

Para Getúlio Vargas a educação servia como veículo ideológico de manipulação da população, a “democratização” do ensino trazia consigo um “novo modelo de desenvolvimento social” o Estado Novo, fazendo emergir novas sociabilidades em regiões pouco ou quase nada urbanizadas e/ou industrializadas como a cidade de Esperantina.

Partindo desse princípio, fato pertinente a ser destacado é a ação do Serviço de Inquérito e Pesquisas Pedagógicas na promoção de intercâmbio cultural infantil de estudantes piauienses ao escreverem para colegas de outros Estados, através de cartas.

A este respeito, averiguamos o seguinte discurso no Diário Oficial de 1938:

O Serviço de Inquérito e Pesquisas Pedagógicas dirige outra espécie de correspondência: é o intercâmbio infantil, em vista do qual os estudantes das nossas escolas escrevem a colegas de quaisquer Estados e mantêm com eles permuta de informações sobre as coisas da terra. Centenas de cartas se distribuíram desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, no intuito de melhor conhecer-se essa gente do Brasil de amanhã. Consiste em orientar a criação de instituições auxiliares no Ensino, com as seguintes finalidades:

- a) fazer a propaganda do Estado;
- b) amparar os alunos pobres;

¹⁵ BRAGA, Erasmo. **Leitura IV**: para o 4º ano escolar. 93ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1949. Este livro e outros mais foram doações de nossos entrevistados durante a realização das entrevistas para a dissertação de mestrado. São exemplos dos recursos didático-pedagógicos utilizados nas salas de aula no período em foco e seus discursos.

- c) despertar os sentimentos de amor à Pátria;
- d) entreter a cooperação da escola da família.¹⁶

Vemos assim a consolidação do papel político do Estado Novo, que mediado pela educação “moderna”, busca, interiorizar novos comportamentos, ao desenraizar hábitos tradicionais, onde o papel da nova escola era dizer o que é a criança, definir seus contornos, impondo uma infantilização exterior, higienizando a cultura, ao transformar hábitos cotidianos rurais.

Vale ainda ressaltar a análise do livro **TERRA QUERIDA**, de Lúcia Alvarenga, usado na década do pós-30 em diante e destinado à segunda série primária, nele encontramos temas diversos, tais como: Educação em Saúde, Português com textos para leitura, explicações, ditados, exercícios de gramática, conhecimentos de História do Brasil, Geometria, noções de Ciências e Geometria. Na parte de Ciências Naturais e Higiene, temos o seguinte texto:

Higiene do Corpo (Hábitos de higiene):
Devemos cuidar do nosso corpo, para evitar doenças.
Devemos adquirir hábitos de higiene (limpeza).
1º) tomar banho diariamente;
2º) dormir em quarto arejado. Nos dias de calor, até com as janelas abertas;
3º) Escovar os dentes, pelo menos pela manhã e à noite. (Pela boca entram muitas doenças);
4º) pentear os cabelos;
5º) limpar e cortar as unhas. Nunca deverá roê-las;
6º) trazer sempre seus objetos e os objetos da escola e de casa muito limpos;
7º) não levar à boca senão alimentos ou remédios;
8º) não molhar os dedos na saliva, para passar as páginas do livro;
9º) nunca andar com os sapatos e a roupas molhadas;
10º) antes de tomar as refeições, lavar as mãos;
11º) viver um pouco ao ar livre, tomar sol (não em excesso!);
12º) fazer, em horas apropriadas, ginástica.
Tudo isso lhe trará saúde.¹⁷

A saúde e as doenças, assim, constituem conteúdo fundamental para o ensino desenvolvido em sala de aula.

A professora Maria Chaves Brito, em decorrência de sua profissão, comenta que,

[...] lá tinha uma senhora perto de mim, ela teve 15 filhos, mas era tão pobre essa cristã, pobre de gritar. Ela me dizia: oh Maria Santa, porque a senhora cria tanta galinha e eu não crio nem um galo, porque não tenho condição de

¹⁶ BRASIL. Diário Oficial de 1938.

¹⁷ Alvarenga, Lúcia. **TERRA QUERIDA**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1939

criar? Ai eu digo: oh Maria José, o que tu faz é quando tu arrumar duas franguinhas, tu deixa crescer, porque como é que tu pode aumentar as cria? porque todas que tu arranja, tu come! tu faz de conta que não tem e bota o negócio pra frente. Assim ela fez, ai quando foi um dia ela se achava com tanta galinha, ai me disse: oh Maria Santa, eu já tenho tanta galinha, me sinto tão feliz, meus porquinhos também do mesmo jeito, e fui eu quem ensinou como fazer.

Sim ainda tinha mais uma aula que eu dava. Então essa escola era pra chegar na casa do caboclo, chegava lá dizia a ele que ele tinha que fazer um filtro, dizer como fazer porque nem todo mundo sabia fazer, assim no interior, mas lá era um lugar que dava pra fazer porque lá é assim, um barro vermelho, liguento, podia fazer, não quebrava ribanceira, eu dizia pra fazer, pra usar o filtro. Ai eu disse: oh Maria José, seus filhos só vive no mundo é doente, cheio de verme, buchudo e amarelo. Ai ela disse: oh Maria Santa, o que eu faço, eu só vivo atrás do médico, eu disse, olha: pra tu deixar de andar atrás de médico?. Ai eu digo: faz o que eu vou te dizer, tu manda cavar um buraco fundo, em um lugar enxuto e tu bota os paus, mais bota uns paus grande, que tem uma moda de quebrar uns beijo, ai cai com tudo, ai sendo grande não, e tu usa um filtro pra tu dar água filtrada pra essas crianças e assim ela fez.

Eu disse, olha Maria José, até a urina não deixa esses meninos urinar em redor de casa, no chão, se ele quiser e até no buraco bota uma vasilha, um litro, ou uma coité, eu ensinava tudo, eu dizia como era pra escovar os dentes, também eu dizia, olha os dentes dessas crianças não deixa eles escovar os dentes e cuspir assim onde todo mundo pisa, as vezes uma criança pisa, aquilo tudo tem contágio, ai ela ensinava aqueles meninos dela. Menino, ela criou esses meninos tão educado, sobre este ponto, que de manhã ela mandava cada um pegar a escova e escovar os dentes e cuspir ali naquele lugarzinho, ali onde ninguém pise, que foi Maria Santa que me ensinou.

Ai também dois meninos tiveram hepatite, ai ela chorou muito, oh Dona Santa, o que eu faço pra curar esses meninos, sem eu ter condição, ai eu disse, deixa estar Maria José, eu te ajudo, o primeiro remédio pra comprar, eu dei o dinheiro, ai ela foi e comprou, ai eu disse, você vai trancar esse meninos tudo dentro de um quarto e bota num quanto e amara a esteira na porta que a casa era de palha e pede para ninguém sair, coloca um pote para os dois beberem água, diz para só os dois meter a mão e mais ninguém, e só você leva a comida, olha mas ela cuidou tanto destes meninos que não pegou mais em ninguém, eles só saíram de lá com 30 dias, todo mundo bom. Eles tinham hepatite e da brava, eu lia muito e eu via aquilo que era, ali que podia ser aquela doença [...]¹⁸

Como vemos a ação educativa desenvolvida vazava o espaço escolar, circulando no cotidiano, não apenas da sala de aula, mas na teia de relações sociais, articuladas na vivência coletiva com vizinhos, amigos, parentes, entre outros.

Para além das modernas escolas, as condições de vida da grande maioria continuavam sofridas e segregadas do ponto de vista social, a educação desta forma se manifesta como a ponta de um iceberg das desigualdades sociais do nordeste brasileiro do pós-30 do século XX.

¹⁸ Maria Chaves Brito. Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco. 10/2002.

A professora Isabel Rosina, em sua fala, manifesta bem, a integração ao projeto inaugurado pela educação no pós-30:

[...] Eu ensinava que o bom aluno respeita todo mundo, escuta o pai e a mãe, na aula se mostra estudioso e aplicado, o mestre contente com ele, tem muito cuidado com sua pessoa, o rosto e as mãos dele estão limpos, o cabelo sempre penteado e respeitoso para que todas as pessoas sempre gostem dele. Ai dizia exemplos, fala assim: o pequeno André só tinha 6 anos de idade, então ele fez uma provinha muito boa, tirou nota alta, ai ele saiu rápido para contar aos pais, chegou no caminho, encontrou um velho todo de cabeça alvinha de barba branca, ai ele tirou o chapéu com respeito e disse: boa tarde senhor, ai o viajante virou-se e falou: meu menino, não o conheço, mais sua cortesia me mostra que você é bem educado, agora estou certo que mais tarde você será um homem honesto.

E ai eles ficaram olhando! Aprendi estas histórias em meus livros, eu aprendia para passar para eles, se eu não botasse pra escrever, eu mesma contava, num sabe! [...]¹⁹

Vemos assim o, Brasil re-colonizado pelo projeto político de integração e desenvolvimentismo nacional, também era a solidificação sócio-cultural de padrões estilizados de uma nação semi-industrial, onde as tradições seculares de vínculo homem-natureza eram fragmentadas, dissolvidas, em nome de novos valores modernizadores da emergente burguesia industrial.

Derradeiras considerações

Podemos concluir que todo este desenrolar histórico seria manifestação da democratização ou universalização do ensino público primário – um populismo educacional – iniciado ainda na 1ª República, em 1889, e que tardiamente como manifestação do populismo educacional do Estado Novo (1937-1945) em diante buscou de fato democratizar e/ou universalizar o ensino público primário, conforme o constatado pela investigação histórica em Esperantina, entre os anos de 1930 a 1960.

Contudo é preciso pontuar que o movimento de emergência de escolas públicas primárias não só em Esperantina, mas em todo o país foi direcionado por um movimento desigual e combinado, onde variando a confluência de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, entre outros, variava-se a oferta de serviços não apenas educacionais, mas serviços públicos diversos. Todo esse processo é característico de uma estrutura social fundamentada

¹⁹ Isabel Rosina de Oliveira. Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco, 10/2002.

na desigualdade social, camuflada em uma sociedade pseudo-democrática, que ilusoriamente máscara e oprime a população na masmorra da miséria e que a conta gotas permite alguma melhoria ou ascensão social como no caso em foco, o acesso ao ensino público primário, com prédio escolar próprio e professoras pagas pelos governos e que não usavam os métodos dos tempos da palmatória.

Referências

- Alvarenga, Lúcia. **TERRA QUERIDA**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1939
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura brasileira**. 4ª ed. ver. e ampl. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1964.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura brasileira**. 4ª ed. ver. e ampl. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1964, p. 667.
- BOURDIEU, P. (Coord.). **A miséria do mundo**. Tradução Mateus S. Soares de Azevedo et al. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- BRAGA, Erasmo. **Leitura IV: para o 4º ano escolar**. 93ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1949. Este livro e outros mais foram doações de nossos entrevistados durante a realização das entrevistas para a dissertação de mestrado. São exemplos dos recursos didático-pedagógicos utilizados nas salas de aula no período em foco e seus discursos.
- BRASIL. Diário Oficial de 1938.
- BRASIL. **I.B.G.E – VI Recenseamento Geral do Brasil: censo demográfico (1º de julho de 1950) Estado do Piauí, seleção dos principais dados**, Rio de Janeiro, 1952.
- BRASIL. VI Recenseamento Geral do Brasil, Censo Demográfico do Piauí: principais dados de 1950.
- BRITO, Itamar Sousa. **História da educação do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 1996
- BRITO, Maria Chaves,. Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco, 10/2002.
- BURKE, Peter (org.). **Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro**. IN: A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CARVALHO, José Murilo de,. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 4ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 87, 88, 92, 93.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Com afeto e disciplina: a invenção da infância entre a literatura e a história. IN: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; et al. **História: cultura, sociedade, cidade**. Recife: Bagaço, 2005, p. 100, 102, 103.
- COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850 - 1889**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006, p. 61.
- FARIA FILHO, L. M. de (org). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)** Belo Horizonte: Autentica. 2004.
- FORTES, Maria do Patrocínio. Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco, 10/2002.
- FORTES, Maria do Patrocínio. Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco, 10/2002.
- Francisca Evangelista Torres (Dona Santa). Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco. 11/2002.

FRANCO, Roberto Kennedy Gomes Franco. **Raízes & Memórias: o florescimento histórico-educativo em Esperantina (1930-1960)**. Teresina: UFPI, 2004. (DISSERTAÇÃO DE MESTRADO).

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve séculos XX**. Cia das Letras. 2009, p.323.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997, p. 44, 60,65.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 57, 58, 59 .

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Uma Ascensão lenta, mas sem abalos: modernidade, reforma e progresso na instrução pública piauiense na primeira república. **IN:**, Maria Juraci Maia; et al. **História e memória da educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001, p. 34-35, 39-41.

MAIA, Eni Marisa. Educação rural no Brasil: o que mudou em 60 anos? **Em Aberto**. Brasília, ano 1, n.9, p.27-33, setembro, 1992.

MENNUCCI, Sud. **Crise brasileira de Educação**. 2º edição. São Paulo: editora Piratininga, 1934.

MONARCHA, Carlos. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança. **In:** FREITAS, M. C.(org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, Bragança Paulista: USF-IFAN, 2003.

MONARCHA, Carlos. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança. **In:** FREITAS, M. C.(org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, Bragança Paulista: USF-IFAN, 2003.

NUNES, Manoel Paulo. Educação Brasileira. In: **O Brasil no limiar do novo milênio**. Vários autores, Fundação Banco do Brasil, Academia Piauiense de Letras – Teresina, 2001.

OLIVEIRA, Isabel Rosina de,. Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco, 10/2002.

PEREIRA, Antônio Sampaio. **Velhas escolas: grandes mestres**. Teresina: COMEPI, 1996, p. Piauí. Decreto Lei Estadual Nº 970.

Piauí. Decreto-Lei Nº 147, 1938.

PIAUI. Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do estado do Piauí, a 1ª de junho de 1930, pelo Governador, Exmo Sr. Dr. João de Deus Pires Leal.

PIAUI. Mensagem Governamental apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí, em 1929, pelo Governador, Exmo Sr. Mathias Olimpio de Mello.

PIAUI. Mensagem Governamental apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí, em 1929, pelo Governador, Exmo Sr. Mathias Olimpio de Mello.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba**. Campinas: SP: Autores Associado e Universidade de São Francisco, 2002, p. 01

REBÊLO, Emília Maria de Carvalho Gonçalves. **Relações entre urbanização e educação escolar no município de Esperantina, no período de 1960/1980**. Teresina, 1997. (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A Escola e a memória**. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 2000, p. 52-54.

Torres (Dona Santa), Francisca Evangelista Entrevista concedida à Roberto Kennedy Gomes Franco. 08/2003.

Recebido em 12 de setembro de 2020
Aprovado em 10 de dezembro de 2020